

Resenha do livro *Outra Universidade*

DEMO, Pedro. **Outra Universidade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

Gustavo Cravo de Azevedo¹

Mario Jorge de Paiva²

Rosemary Vieira Casanova³

O livro *Outra Universidade*, de Pedro Demo, é uma análise crítica da educação, principalmente superior, no Brasil. Em alguns pontos, possuímos concordâncias com o material, em outros tais críticas podem parecer exageradas; ou mesmo fora do lugar, de querer comparar, de igual por igual, à realidade brasileira com as melhores universidades do mundo – como se não houvessem questões envolvendo financiamento (precarizado no Brasil), desvalorização do material produzido no sul global, o tardio acesso do Brasil aos ensinos superiores (antes só ofertados na Metrópole) etc.

O livro abre, com uma introdução, apresentando a ideia de que a universidade poderia ser a instituição mais estratégica do século, pois o capital intelectual produz parte da riqueza das nações, mesmo que isso possua um sabor neoliberal, segundo Demo. O autor ressalta, ao longo do livro, que a universidade, na verdade, teme mudanças, sendo, no máximo, reformista, e tendo ficado para trás em uma série de aspectos. O professor (Demo, 2011, p. 10) diz que a universidade estagnou, sendo transmissora de conteúdos envelhecidos e canônicos. Logo, a busca que se repete pelo livro todo é por uma *Outra Universidade*.

O livro passa para o primeiro capítulo, *Definindo Universidade*, que explicita como dois pontos chaves o de “produzir conhecimento próprio” e “formar alunos, produzindo, assim, conhecimento”. A parte mais polêmica surge quando o autor diz que ele não dá importância à extensão nem ao ensino, porque o central seria a universidade de pesquisa, na qual a tarefa central é obra de pesquisadores-educadores. Chamando o ensino de referência de “velhos tempos”. Criticando um modelo, dito ibérico, de universidade que é verboso, retórico, beletrista, filosofante, centrado no ensino (Demo, 2011, p. 13).

¹ Doutor em Ciências Sociais PUC-Rio. Professor do curso de especialização em Administração Universitária da UFRJ.

² Doutor em Ciências Sociais PUC-Rio. Professor de Sociologia da Rede Pública Estadual de São Paulo atuando na Baixada Santista.

³ Doutora em Educação Física UFRJ. Técnica em Assuntos Educacionais UFRJ.

Na sequência, o autor sustenta que não é função da universidade atuar diretamente em problemas sociais, como “a favela ao lado”; ainda que possa fazê-lo quando tal ação contribuir para a produção de conhecimento e a formação de melhores alunos. Para Demo (2011, p. 14), a função central da universidade é produzir conhecimento atualizado em favor da sociedade. O autor define conhecimento como uma dinâmica disruptiva e rebelde, adotando, em certos momentos, concepções bastante minimalistas.

Essa crítica se dirige aos professores que não produzem ou produzem pouco, e, nesse ponto, podemos concordar, ainda que parcialmente, com o autor. Para Demo, o que define docência não é aula nem títulos, mas autoria; e a autoria, por sua vez, nasce de pesquisa.

Depois há uma crítica tanto ao modelo da universidade federal quanto ao das universidades particulares. Demo (2021, p. 21) diz que a universidade federal está cheia de professores que apenas dão aulas, é esbanjadora em seus gastos, possui um número baixo de alunos e está servindo à elite; sendo também a dedicação exclusiva um problema, nessa leitura, pois isola o professor de outros setores da sociedade. Para Demo, menos da metade desses docentes seria suficiente.

Há críticas ao neoliberalismo em tal texto, mas é possível ler também certas falas, de Demo, como visões neoliberais contra a universidade pública. Em outra parte do livro, ele vai criticar (parcialmente) a estabilidade desses servidores. Demo (2021) esclarece que sua abordagem crítica e autocrítica da universidade tem como função questionar para defender essa instituição. Já sua análise das universidades privadas é de que, tirando exceções louváveis, só reproduzem conteúdos; a maioria dos professores são horistas, e possuem, várias vezes, a mínima titulação exigida por lei, para reduzir custos dessas empresas privadas.

O capítulo 2, *Formar-se, aprender*, diz que a pedagogia é um dos mais importantes cursos de nossos tempos, porém a pedagogia aqui ainda é feita à moda antiga, sendo um dos cursos mais fracos e carregados de uma seleção negativa dos alunos. O capítulo, para além de algumas repetições do que já tinha sido dito antes, fala que os professores são formadores mal formados, à imagem e semelhança de uma pedagogia obsoleta.

O central, para Demo, seria autoria e autonomia intelectual. Também aborda uma tendência de que a educação seja mais uma mescla entre o físico e plataformas virtuais, em estudos marcados pelo uso das novas tecnologias, e mais interativos; tendência essa que, aparentemente, se fortaleceu desde a pandemia de COVID, poderíamos acrescentar. Assim, em sua leitura, o professor mediador, maiêutico, não sairia de cena com as mudanças tecnológicas, porém diz que o professor que só dá aula será substituído, pois é inaproveitável.

Aqui, porém, temos que fazer um acréscimo, o avanço das IAs e similares tornaram o mercado de trabalho bem mais instável do que Demo parece ter deslumbrado, logo caberia atualizações sobre como a tecnologia impacta no aluno e na atividade docente, sendo que também poderíamos destacar como novos estudos apontam para impactos negativos da tecnologia, algo que Demo não parece comentar.

Um exemplo concreto para Demo de saber coletivo, fluido etc. é a própria Wikipédia, mesmo havendo críticas possíveis, o “texto não termina, está sempre sendo atualizado” nesse tipo de enciclopédia.

O terceiro capítulo, *Traços da condição docente e discente*, apresenta alguns dados interessantes sobre a educação no Brasil e sobre o perfil dos professores de ensino superior. Alguns dados chamam atenção, como o abismo entre o nível de professores com doutorado nas universidades federais e particulares, ou dados sobre o aumento da educação virtual no Brasil.

O quarto capítulo, *Acesso à educação superior*, apresenta esse tema de grande importância: o autor aborda o lento recuo do analfabetismo e as dificuldades de recrutamento de bons professores no interior do país, sobretudo em disciplinas estratégicas como matemática e ciências. Outro aspecto importante é que, segundo Demo, salta aos olhos a desigualdade nas conclusões dos cursos, fortemente correlacionada à renda domiciliar, cor, gênero, região e ao fato de o estudante viver em área urbana ou rural.

Após tratar da baixa taxa de conclusão entre estudantes de menor renda domiciliar, o autor aborda ainda outro problema: a progressão automática dos alunos, que gera uma distorção entre nível de aprendizado e série que é um problema real, perceptível também em nossa experiência docente. Demo (2011) observa que os alunos não alfabetizados adequadamente terminam sendo aprovados inercialmente, sem que se enfrente o problema do rendimento. Segundo o autor, o estudante pode chegar facilmente ao 9º ano ainda analfabeto.

No capítulo cinco, *Ensaio preliminares*, o autor propõe esboçar tópicos para essa nova universidade. Não se trata, contudo, de uma proposta verdadeiramente inédita. O ponto central é que o professor deve ser, simultaneamente, pesquisador e educador, algo difícil de conciliar. Essa condição é considerada necessária, em sua leitura, para romper com o modelo instrucionista, no qual quem apenas dá aulas reproduz o conhecimento de forma acrítica, tornando-se uma cópia a ser copiada.

Professores horistas e apenas especialistas são, mais uma vez, vistos como um problema. Mesmo que se produza agora mestres e doutores com um ritmo mais acelerado, isso ainda não é visto como suficiente e o nível desses (mestres e doutores) parece que está baixando; estuda-

se menos, pesquisa-se menos, dissertações e teses estão com um nível de qualidade mais baixo. Esse parece um problema comum, quando se aumenta o número do público, a qualidade parece cair. Quando se cobre as massas, a tendência é nivelar por baixo.

Nessa leitura, a universidade é considerada como medíocre porque o professor é medíocre (Demo, 2011, p. 74). Em síntese, o autor demonstra uma verve polemista que se revela, por sua vez, excessiva e inadequada.

Sua proposta de renovação institucional aponta para um modelo que ultrapassa o formato tradicional de salas de aula, valorizando ambientes destinados ao estudo, à pesquisa, à elaboração e à argumentação, espaços de exercício de autoridade do argumento e não de argumentos de autoridade. Demo propõe, assim, priorizar locais de aprendizagem individuais e coletivos, aproximando a universidade da ideia de laboratório intelectual.

Falando da necessidade de divulgação e argumentação; nesse aspecto, o mundo virtual com *wikis* e *blogs* ajuda na leitura do autor. O foco maior, como está ficando claro, é em uma capacidade de argumentar mais firme, assim como uma firme vinculação com o método científico e com pesquisas autorais.

Usando uma figura de linguagem, diz que a universidade hoje está mais próxima de uma catedral, e o melhor seria se fosse mais parecida com um bazar, ou seja, estrutura flexível, menos hierárquica, cheia de bifurcações e tumultos criativos, indócil, rebelde, provocativa, crítica etc. (Demo, 2011, p. 83).

O capítulo 6, “*Nova universidade*”, já começa chamando a universidade de, em parte, hipócrita, por dizer que gosta de inovação, mas não seria bem assim. Seu negócio não seria a mudança, mas controlar a mudança e seu ritmo. E, entre as figuras mais difíceis de mudar estaria o professor. Havendo até uma hipocrisia de falar de pesquisa e inovação em um ambiente marcadamente instrucionista.

Mesmo que os “canudos” ainda sejam importantes, vê a universidade como um mundo do atraso, assim como a escola (Demo, 2011, p. 90). Enfim, é um capítulo que continua sua crítica ao campo educacional, enquanto oferece suas propostas envolvendo maior produção dos alunos, alunos que entendam melhor metodologia científica, professores que sejam, antes de tudo, pesquisadores etc.

O livro chega ao final com um capítulo chamado *Arrematando*. Conclui, entre outras coisas, que outra universidade envolve a criação de um novo modelo de professor. Falando de popularização do acesso ao material acadêmico e da formação de profissionais melhores para

o mercado. Quer, como já dito, uma universidade mais disruptiva e rebelde, porque quem questiona é o primeiro que deve ser questionado.

Nossas conclusões sobre esse livro envolvem dizer que é uma leitura que vale ser feita, mas há argumentos repetidos e certas polêmicas desnecessárias, enfim, nossas discordâncias são claras e marcadas – como nesse elemento de querer tirar a estabilidade de servidores e reduzir o número de professores pela metade, pois o Estado gastaria muito (como dito, isso pode ser facilmente visto como uma crítica neoliberal por parte de Demo).

O livro representa o pensamento de parte dos docentes e dos pesquisadores sobre o ensino superior. A obra foi publicada em 2011, durante o período do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, popularmente conhecido como REUNI; de recomposição do quadro de docentes e técnicos universitários (federais) e da entrada de maior contingente de alunos. Parte do cenário que o autor desenhou como ideal aconteceu após anos de congelamento salarial com os governos Temer e Bolsonaro.

Há poucas pesquisas sobre evasão docente federal. A proposta pensada por Demo, menor orçamento e menor quadro, pode desembocar em maior atenção à pesquisa ou pode desembocar em um cenário de crescente precariedade e de menor atenção à pesquisa por parte dos novos docentes, com maior atenção a oportunidades remuneradas sejam elas por editais públicos ou pelo mercado privado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEMO, Pedro. **Outra Universidade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

DEMO, Pedro. Outra universidade é possível: entrevista com Pedro Demo. Entrevista concedida a Joaci Pereira Furtado. **Rev. Docência Ens. Sup.**, Belo Horizonte, v.13, 2021.